

Carta a Pêro Vaz de Caminha

Letter to Pêro Vaz de Caminha

Nurit Bensusan
Instituto Socioambiental
nurit@socioambiental.org

Enviado: 17 agosto 2021 | **Aceptado:** 20 noviembre 2021

Resumen

Esta carta a Pêro Vaz de Caminha, el primer navegador portugués en llegar a Brasil, expone las transformaciones que han tenido lugar desde la llegada de los portugueses al territorio brasileño hasta el día de hoy. El texto sintetiza la trayectoria de destrucción y violencia resultantes del proceso de colonización, sobre todo contra los pueblos indígenas, los quilombolas (nombre que reciben en Brasil los pueblos de ascendencia africana) y las comunidades tradicionales.

Palabras clave: Brasil contemporáneo, sociodiversidad, biodiversidad, colonización, desarrollo.

Abstract

This letter to Pêro Vaz de Caminha, the first Portuguese explorer to reach Brazil, presents the transformations that have taken place since the arrival of the Portuguese to the land until today. The text synthesizes the trajectory of destruction and violence stemming from the process of colonization, above all against indigenous peoples, peoples of African descent, and traditional communities.

Keywords: Contemporary Brazil, sociodiversity, biodiversity, colonization, development.

Prezado Pêro Vaz de Caminha:

Passaram-se 520 anos daquela sua Carta a El-Rei D. Manuel, dando conta do achamento do que se nomeou, na ocasião, Ilha de Vera Cruz e que veio a se tornar o Brasil. Apesar de tanto tempo decorrido, não causa estranheza que, até esse momento, não tenha havido resposta a sua carta. Não sei se você sabe, mas quando ela chegou às mãos do rei, ele imediatamente decretou seu sigilo, apenas em 1773 sua carta foi redescoberta e só em 1817, ela foi publicada.

Sim, estou ciente que desde então se passaram 200 anos, mas veja, até recentemente eu não tinha me dado conta que responder a sua missiva poderia ser uma tarefa minha. Dei-me, por fim, ao trabalho de escrever essa resposta, caro Caminha, pois me chamou atenção tanto o seu deslumbramento com os povos que os portugueses encontraram ao chegar na costa brasileira, como também sua admiração pela exuberante natureza que se apresentou aos seus olhos.

Não é pouco tempo 520 anos, mas também não é tanto tempo assim, se pensarmos na história da humanidade que se desenrola há alguns milhares de anos. Vale dizer, porém, meu diligente escrivão, que não é pouco tempo, diante de como essas terras mudaram e no que se converteram. A Ilha de Vera Cruz, na verdade, era apenas uma possibilidade, a geografia mostrou que a terra com que os portugueses se defrontaram era um enorme continente, habitado por muitos povos, muitos mais do que aqueles avistados por vocês na praia, e cheio de florestas, outras para além daquela em que vocês desembarcaram, perto do Monte Pascoal.

Seus patrícios, porém, não se deixaram seduzir por essas terras tão diversas, insistiram em fazer com que o Brasil cumprisse o que eles julgavam ser seu ideal, transformar-se em um imenso Portugal. Se esse ideal não pudesse ser cumprido, que o Brasil fornecesse, então, recursos para que Portugal consolidasse seu desejado papel de potência européia. Para tanto, tentou converter ou escravizar os povos originários dessas terras, derrubou as florestas, plantou canaviais, explorou o ouro, trouxe pessoas da África para serem escravizadas, mas nunca deixou de olhar para o Atlântico, de costa para essas terras, sonhando em voltar para a Europa.

Essa terra, que como mencionei acima, se convencionou chamar Brasil, justo por causa de uma árvore que produzia um corante vermelho, como brasa, abundante naquela costa em que vocês desembarcaram, foi colônia de Portugal até 1822, quando se tornou independente, ainda que sob o comando do filho do rei de Portugal à época, conhecido no Brasil, como Dom Pedro I. Já nesse tempo, a paisagem brasileira tinha mudado bastante. Muitos dos povos originários haviam perecido, vítimas de doenças, perseguições, assassinatos, trabalho forçado e conversões impostas com enorme violência. A gente que você, caro Caminha, queria ver salva, como mostra a sua carta, sequer foi reconhecida como portadora de almas e se tornou um conjunto infinito de corpos excruciados, violados, sacrificados e mortos.

Fico pensando, porém, ao que você se referia realmente quando disse que salvar essa gente deveria ser a principal semente que o rei deveria lançar. Você enfatiza na sua carta que tal missão por si só já justificaria, de alguma forma, ter tido aqui uma “pousada para esta navegação de Calicute”, pois poderia se cumprir, nessas terras o desejo do rei de expandir a fé católica. Eu sei que em Portugal o Tribunal do Santo Ofício, que matou e torturou milhares de pessoas, julgadas como hereges, originalmente por práticas judaicas e depois por qualquer coisa, ainda não estava em plena operação, mas suas bases já estavam lançadas em solo português e a inquisição já grassava na Espanha, desgraçando existências e devires. A “salvação” vislumbrada por você nesses parcos dez dias que esteve na costa brasileira deve ter passado pela ideia de coerção, violência e força. Você era, afinal, um cavaleiro da casa de D. Manoel, certamente sabia como as coisas aconteciam...

Na época da independência, a Mata Atlântica, como se acordou chamar a floresta que cobria a costa brasileira, onde os portugueses aportaram, já havia sido bastante degradada. Apenas um ano depois da sua carta, em 1501 a exploração intensa da árvore, produtora desse corante vermelho, muito valorizado na Europa, começou. A árvore recebeu o nome de pau-brasil e por 400 anos foi explorada, até quase desaparecer, junto com a própria Mata Atlântica.

No século XIX, canaviais, plantios de café e de algodão, couros e peles de animais, assim como a exploração do ouro, davam a cor a esse país, mas a cor do trabalho era sempre preta, a escravidão era a regra, quase 5 milhões de pessoas negras foram trazidas à força da África para trabalharem como escravos no Brasil. A abolição só veio bem mais tarde, em 1888, mas o país se consolidou como uma terra racista, onde os negros nunca têm vez, nem oportunidades.

Caminha, meu escriba, você não tem ideia do tamanho que essa terra tem, de suas florestas, seus cerrados, seus sertões. Ali da costa, você nem podia suspeitar que mistérios, que belezas, que maravilhas essa Vera Cruz revelaria. Por exemplo, longe da costa, no meio do continente, está a maior planície úmida do mundo, a que convenciamos chamar de Pantanal. Mais ao norte, há uma gigantesca floresta, conhecida como Amazônia, ela ocupa grande parte desse continente e mais da metade do que chamamos hoje de Brasil. Só ali, há cerca de 14 mil espécies de árvores, boa parte nunca antes vista na Europa, nem nas outras terras por onde você andou pela sua vida afora. Ali havia também inúmeros outros povos, que acabaram, junto com todos os que aqui habitavam originalmente, sendo chamados de índios. Uma referência, talvez, à Índia que vocês buscavam alcançar nessa viagem que acabou esbarrando no Brasil.

O século XX viu a Amazônia entrar no escopo dos interesses econômicos do país, por causa da borracha. Você nem imagina o que é isso: tem uma árvore nessa floresta, conhecida como seringueira, que quando se abre um pequeno corte em seu tronco, dele escorre um líquido viscoso, branco, chamado de látex. Esse líquido seca, se solidifica e, com a ação do calor, dá origem a esse material, chamado de borracha

que era a febre do final do século XIX e do começo do século XX. Muitas pessoas foram levadas, de outras regiões do país, para a Amazônia para extrair esse látex, que na aurora do século XX, já respondia por 15% das exportações brasileiras.

De lá para cá, porém, muitas outras transformações aconteceram. No Brasil e no mundo. Foram tantas, Caminha, meu estimado escriba, que essa carta não dará conta. Assim, me dedico a colocar você a par apenas do que aconteceu à terra alvo de sua carta, suas paisagens e seus povos. Em um voo de pássaro, digamos um jacuáçu, uma ave que vive na Mata Atlântica e em muitas outras regiões do Brasil, que talvez tenha sobrevoado as cabeças dos que aqui chegaram junto com você, passamos pelos séculos todos: as paisagens se transformando, povos chegando, sofrendo e morrendo, outros que aqui já estavam fugindo e sendo perseguidos, e o colonizador, de costas, olhando o mar, buscando sem cessar as terras de onde veio.

O século XX, um século bastante conturbado na história recente da humanidade, que enfrentou uma pandemia global – ah, sim, o mundo se consolidou como uma esfera, imagine que pessoas já saíram desse globo e foram até a Lua, mas isso é outra história, depois quem sabe lhe escrevo outra carta contando – além de duas guerras mundiais e várias outras regionais, viu o Brasil começar a se industrializar. Fica tranquilo, Caminha, vou anexar a essa carta um glossário com uma explicação sobre os termos que surgiram nesses últimos 500 anos para ajudar você na compreensão das consequências que a chegada dos europeus trouxe para essas terras.

Enfim, foi no século XX que as paisagens brasileiras mais se transformaram, se considerarmos o país todo. A Mata Atlântica, único dos nossos biomas que você chegou a conhecer, foi ainda mais reduzida. Essa mata foi destruída, com certeza, para abrir espaço para as monoculturas e por causa da exploração da madeira mas também porque nenhum valor era dado à floresta. Sua derrubada para abrir novas áreas de ocupação era saudada como comprovação do progresso que se fazia na ocupação do Brasil. Não foi muito diferente quando o estado chegou oficialmente, na Amazônia, na segunda metade desse século. Reportagens ufanistas diziam que o “inferno verde” estava sendo vencido. Mais uma vez, a destruição da floresta, de seus povos, de sua história, não importava. É como se houvesse uma força que impelisse para homogeneização de paisagens e formas de viver, uma convicção de que nada daquilo que estava sendo destruído tinha algum valor.

Nessa mesma época, a capital do país, que era na costa, foi levada para o interior, uma nova cidade construída em um bioma chamado Cerrado, que ocupa cerca de 24% do território nacional. Esse bioma acolheu, além da capital, enormes áreas de monocultura e pastos para pecuária. Assim, mais de dois terços dele já foram desmatados e os povos indígenas que viviam nesse centro do Brasil acabaram desaparecendo ou sendo confinados em pequenas reservas.

A industrialização, que em algum momento do século XX pareceu que ia dominar a economia brasileira, cedeu espaço, mais uma vez, às monoculturas agrícolas, à pecuária e à exploração mineral. Parecia que parte do Brasil continuava de costas

para o resto do país. Parte do Brasil continuava se comportando como se fosse constituída de colonizadores que cá estavam temporariamente. Pareciam procurar aqui o que jamais encontrariam, uma espécie de ideal europeu. O pensamento colonial que insiste em nos habitar – e acha por aqui terreno fértil – persiste e insiste em procurar aqui o que não é daqui, resultando, entre muitas outras coisas, na exclusão de negros e povos indígenas e na repulsa à exuberância da natureza.

Assim, aos trancos e barrancos, meu caro missivista, o Brasil chega às portas do século XXI quase como atravessou o século XVII: monoculturas, pecuária, mineração, exploração predatória da floresta, desprezo pela diversidade e um descaso profundo por suas entranhas. O movimento que conduz à destruição da natureza no Brasil se enraíza no pensamento colonial que jamais foi capaz de valorizar os povos originários desse território, nem aqueles que foram trazidos à força da África, e menos ainda a profusão de formas de vida, característica da biodiversidade tropical. Após 520 anos, a história segue, apesar de travestida, a mesma. Não é possível separar as agressões ambientais do descaso com os modos de vida dos povos indígenas, comunidades locais, quilombolas e tantos outros.

Se você, caro Caminha, voltasse ao Brasil hoje e voasse nas asas de um pássaro, por cima desse território, o que você veria? Cidades, grandes cidades na costa brasileira. O Brasil chega ao século XXI como um país urbano, mas preciso contar a você que isso aconteceu de maneira muito rápida. Por volta de 1900, o Brasil tinha 14 milhões de habitantes e apenas 10% viviam em áreas urbanas. Em 2020, o Brasil se aproxima dos 210 milhões de habitantes com 86% vivendo em cidades. Nenhum outro país no planeta teve crescimento semelhante (Lago). Talvez por isso, mas também pela eterna desigualdade social presente nesse país, as áreas urbanas são em grande parte favelas. Esses são lugares, longe dos centros das cidades, onde as pessoas negras, depois da abolição, sem opção de trabalho e sem terras, iam morar. Nesse processo rápido de urbanização do país, os pobres sempre foram alijados das zonas centrais e empurrados para as periferias das cidades, para as favelas. Hoje, cerca de 12 milhões de brasileiros vivem nesses locais.

Continuando no seu sobrevoo, ainda pela costa brasileira, você veria poucas florestas naturais, mas muitas plantações de árvores. Perto de onde os portugueses desembarcaram pela primeira vez, há enormes plantios de árvores para produção de papel. São 7 milhões de hectares (Assessoria de Comunicação CNA), distribuídos majoritariamente em lugares onde, antes, estava a Mata Atlântica. Deixando essa floresta para trás, você poderia entrar, Brasil adentro, para manter a tradição, ali por onde está o Monte Pascoal. Aliás, antes ainda, você talvez quisesse descer e visitar a costa onde, há 520 anos, você desembarcou.

Se essa fosse a sua vontade, prezado escrivão, você encontraria alguma floresta remanescente e alguns povos indígenas lutando por sua sobrevivência cotidiana. Acredito que você não os reconheceria, os percalços foram demasiados e eles vivem, hoje, aqui, um pós fim do mundo. Você veria também hotéis de luxo, onde em espaços

privados, alguns privilegiados usufruem do que sobrou da paisagem da nossa costa, que certamente, de alguma forma, ajudaram a destruir.

Passou rapidamente pela minha cabeça que talvez você se sentisse desolado com o que viu, que comparasse essa realidade atual com as lembranças de 1500 que você ainda guarda na cabeça e no coração, mas logo percebi que nada disso lhe surpreenderia. Caminha, meu narrador de apocalipses, você, ao escrever sua carta, deveria já saber o que aguardava essa terra, tão azarada de estar no caminho de sua viagem para Calicute. Você sabia que a regra seria a destruição, que se houvesse resistência da parte dos povos que você conheceu rapidamente, eles seriam subjugados, pela força e pela cruz. Enfim, tenho a sensação que nada do que conto nessa carta lhe surpreenderia efetivamente. Mas guardo uma esperança, certamente desmedida e inútil, de que depois de despachar a carta que seguiu para Portugal e embarcar na seqüência da sua jornada para Índia, no balanço das ondas do Atlântico, você tenha sentido algum remorso ao imaginar o destino dessa Vera Cruz tão paradisíaca e desses povos que ali viviam. Talvez, apenas talvez, ao ver o Brasil que Vera Cruz se tornou, tão violentado, tão conspurcado, tão arruinado, você se sentiria, em parte responsável pelo entusiasmo que imprimiu a sua carta para o rei e por sua recomendação final, sobre a salvação das gentes aqui encontradas.

Devaneios e pior, ilusões. Deixemos tudo isso de lado e sigamos seu sobrevo. Entrando, então, pelo sertão adentro, no estado da Bahia, você começaria a avistar uma paisagem muito diferente da costa, uma vegetação mais baixa e mais esparsa, é ali onde o Cerrado encontra um outro bioma brasileiro, a Caatinga. Mas pouco dessa paisagem ainda resta, as monoculturas de soja, milho e algodão dominam, junto com uma profusão de áreas degradadas, abandonadas. No Brasil, há cerca de 140 milhões de hectares dessas áreas (Spitzcovsky) e isso vem desde a época em que as terras eram cedidas aos seus patrícios para serem exploradas e depois, com sua exaustão, eram abandonadas e outras, cobertas por florestas ainda íntegras, eram então cedidas novamente às mesmas pessoas para terem o mesmo destino. Depois, a falta de planejamento continuou gerando novas áreas degradadas, alimentando um ciclo de contínuo desmatamento e abandono de terras.

De monocultura em monocultura, de pastagem em pastagem, você sobrevoaria o Cerrado, já tão desmatado e tão degradado. Hoje, esse bioma responde por 51 % da produção nacional de soja que ocupa muitas terras. Quando esse século chegou, a área de soja no Cerrado era 7,5 milhões de hectares e no começo de 2019 já havia mais do que dobrado e correspondia a 18,2 milhões de hectares (Popov). Meu caro arauto das primeiras notícias de Vera Cruz, você deve estar surpreso com tanta terra só para plantar soja, pois se segura bem nas asas desse jacuaçu porque você pode se desequilibrar quando eu lhe disser que no Brasil há mais vacas do que pessoas – e olha que tem muita gente, quase 210 milhões de pessoas – e as pastagens já ocupam um quarto do território nacional. No Cerrado são cerca de 58 milhões de hectares só para esse gado, mas desse total 60 % já são pastagens degradadas ou em processo de degradação (Azevedo).

Imagino, caro Caminha, que você estaria excessivamente admirado. Não sei se você foi um homem afeito ao desperdício, confesso que de sua vida conheço pouco. Saiba, porém, que grande parte dos brasileiros meus contemporâneos conhecem seu nome por causa dessa carta, que ora respondo. Todas as crianças estudam seu conteúdo na escola, ela se tornou uma espécie de registro do momento desse malfadado encontro, entre vocês e os índios. Digo malfadado porque, como você já sabe, o encontro foi trágico para os povos que aqui viviam.

Voltando ao tema do desperdício, essa terra que surgiu aos olhos dos portugueses por meio da sua carta é, desde a chegada de seus patrícios, uma terra de desperdício. A abundância da natureza é tratada com um descaso tal que mesmo florestas gigantes, savanas enormes e campos desmedidos têm encontrado seu fim. Não convertidos em riquezas para o povo brasileiro: simplesmente desperdiçados inutilmente ou servindo para garantir ganhos para muito poucos. Abandono, porém, ainda que temporariamente essas digressões, pois temo que você acabe por deixar de lado essa missiva, não pelo horror que o destino dessas terras cause a você, e sim pela forma previsível com que tudo se deu. Ao deixar Vera Cruz para trás, nos primeiros dias de maio de 1500, você já podia imaginar como seu futuro se desenharia.

Sigamos, pois, no sobrevoio proposto. Passemos por cima do Território Indígena do Xingu. Ali, deslumbrado escrivão, você poderá ver povos indígenas, diferentes daqueles da costa e distintos daqueles com que você se encontrou quando da chegada aqui, em 1500. Falam outras línguas e usam adornos diversos, ali talvez você retome algo do seu arrebatamento inicial. Esses povos mantêm um conjunto significativo de manifestações culturais, são 16 povos diferentes que vivem dentro de uma espécie de ilha, em um mar de destruição. Eram muitos mais e ocupavam todas as terras dessa infeliz Vera Cruz, mas no Xingu é como se pudéssemos vislumbrar como poderia ter sido a vida sem que vocês desviassem ela para a morte.

O que teria sido Pindorama, terra das palmeiras, nome dado à Vera Cruz de vocês, por alguns dos povos indígenas desse continente, se os portugueses tivessem passado ao largo? Se aquele vento não tivesse trazido vocês para essas bandas? Se seu comandante Cabral, em um arroubo de profeta, tivesse sugerido deixar as coisas aqui como estavam e rumasse para a Índia? Que outros futuros poderiam ter sido possíveis para os povos desse continente, além do fim do mundo?

Mas deixo de devaneios e volto à realidade... É possível ver claramente, das asas desse pássaro, o contorno do Território Indígena do Xingu. Ao norte dele, se avistam mais florestas, também com fronteiras bem definidas. São outras terras indígenas, áreas reconhecidas pelo governo brasileiro como de usufruto dos povos indígenas, e também reservas extrativistas. Essas reservas têm uma história interessante e são áreas onde, teoricamente, as comunidades que ali vivem podem viver. A frase não deveria surpreender a você que vem de um tempo onde havia quem podia viver e quem simplesmente não contava. Talvez tampouco lhe admire saber que essa situação continua a mesma, 520 anos depois.

Sei que se equilibrar nas asas de um jacuaçu é desconfortável, por mais teórico que nosso sobrevoos seja, mas ainda assim, vou me atrever a lhe pedir um pouco de paciência, para que eu conte a você o que são essas reservas extrativistas. Já lhe disse, meu impaciente escriba, que temos mais ao noroeste uma grande floresta, a Amazônia. Também mencionei a seringueira e a borracha. Muita gente de outras regiões do Brasil foi levada para a Amazônia, no final do século XIX e no começo do século XX, para “tirar seringa”, ou seja, para fazer um corte no tronco da seringueira, coletar o látex que dele escorre e, com ajuda do fogo, produzir borracha. Essa borracha se converteu, como eu já disse, em um item importante para economia brasileira. Para isso é preciso achar as seringueiras na floresta e passar em cada árvore, cortando e coletando, dia após dia. Nenhuma condição de trabalho foi dada a essas pessoas que foram para a floresta, em busca de uma vida melhor. Ou seja, apesar de gerarem riqueza para o país, continuaram na pobreza.

Dois eventos, porém, transformaram para sempre a exploração da borracha na Amazônia. Primeiro, a Malásia, que é como se chama o Sultanato de Malaca hoje em dia, começou a plantar seringueiras e produzir borracha, de maneira bem mais intensiva do que aquela produzida na floresta. Aproveito para contar a você que em 1511, cerca de 10 anos após a sua morte, os portugueses conquistaram o Sultanato de Malaca e ali ficaram até serem desalojados pelos holandeses, em 1641. O segundo evento é que inventaram uma borracha sintética. Sim, caro Caminha, nesse momento 520 anos depois dessa sua aventura maior como descobridor de mundos, há um movimento de inventar sucedâneos artificiais para substituir os produtos e materiais naturais. Posso até imaginar sua cara de surpresa, diante dessa informação, ao mesmo tempo em que você vê um monte de buracos na floresta que sobrevoa, mostrando que a mata segue sendo cotidianamente derrubada.

Voltando às reservas extrativistas, as pessoas que foram para a Amazônia produzir borracha, lá ficaram, se aclimataram, descobriram meios de viver na floresta e fizeram dela sua casa. Encontraram nesse caminho povos indígenas, quilombolas e outras comunidades de pessoas que viviam por lá. Da luta dessas pessoas, seringueiros como se convencionou chamá-los, contra a derrubada da floresta amazônica e contra suas péssimas e perversas condições de trabalho, nasceu a ideia de criar espaços territoriais para proteger a vida dessas pessoas e da floresta. Era uma época, nas últimas décadas do século XX, onde também se discutia no país a necessidade de delimitar áreas para conservar a natureza. Como dizia um brasileiro¹ do século XX, “uma sociedade que precisa proteger a natureza de si mesma, só pode estar errada”. Errada ou não, espaços para proteger a natureza de nós mesmos foram criados e acomodou-se dentro de uma política maior, vários tipos diferentes de áreas protegidas, inclusive as reservas extrativistas.

1 Trata-se de José Lutzenberger.

Nas reservas extrativistas vivem, então, não somente seringueiros, mas também outras comunidades que vivem dos produtos da floresta sem destruí-la. É fácil? poderia indagar você, caro Caminha. Não, não é, principalmente porque a floresta segue encarada, como antes, mesmo 520 anos mais tarde, como uma maldição da qual queremos nos livrar e não um conjunto de possibilidades junto com as quais podemos criar. Se você, em um arroubo de coragem, resolvesse descer numa dessas reservas, ali ao norte do Território Indígena do Xingu, numa região chamada de Terra do Meio, você se surpreenderia: como pessoas que conhecem tanto da floresta não estão entre as mais reverenciadas do país? Ou talvez não, levado pelo espírito de sua época, você poderia se espantar com a tenacidade com que elas defendem a floresta ao invés de destruí-la e construir cidades. Enfim, essa gente, que viveu e conviveu com os povos originários da Amazônia, ou com o que sobrou deles depois que vocês chegaram, fez, como lhe disse estimado correspondente, da floresta sua casa. Há reservas extrativistas, terras indígenas e outras áreas protegidas em todo o Brasil. As terras indígenas são 724 e totalizam 13,8% do território nacional (PIB, “Página principal”). Não é muito, principalmente se pensarmos que toda essa terra pertencia aos povos que aqui viviam antes de 1500. As outras áreas protegidas abarcam cerca de 18% da superfície do país.

Agora, prepare-se. A Amazônia é a terra das águas. Conheço o orgulho que os portugueses têm do Tejo. É um rio extenso, nasce lá na Serra de Albarracim, na Espanha, e percorre um pouco mais de mil quilômetros até chegar a Lisboa e encontrar com o Atlântico. Sei também que ele pode ser bem largo em alguns trechos, mas aqui a régua é outra. Afluentes dos afluentes são muito maiores que o Tejo. O maior rio da região, o Amazonas, nasce nos Andes, uma cordilheira de montanhas no oeste do continente, localizada na parte que foi colonizada pelos espanhóis, em um país que hoje se chama Peru, e percorre quase sete mil quilômetros até desaguar no Atlântico. O rio tem mais de mil afluentes e alguns deles, como o rio Negro e o rio Madeira, estão entre os maiores rios do mundo. Nessa região, há muita diferença entre a época de chuva e a seca, a diferença entre a maior largura do rio Amazonas na seca, 11 km, e na chuva, 50 km, dá uma boa dimensão dessa variação. A Amazônia é a maior bacia hidrográfica do mundo e é um dos maiores reservatórios de água doce do planeta. A floresta, porém, diminui a olhos vistos: a cada minuto 1,2 mil árvores são derrubadas.

Além dos rios e das árvores, se vê cidades, algumas grandes, no meio da floresta e as clareiras, que parecem chagas em um dossel verde e contínuo. Boa parte delas são garimpos, lugares onde se explora ouro e onde se é infinitamente explorado pela lógica que está aderida a essa atividade. Essas chagas, a maioria ilegais, crescem a cada dia, com o beneplácito do governo brasileiro.

Caminha, caríssimo, você não viveu para ver as consequências da sua carta sobre as terras onde ela foi escrita. Parcos sete meses depois de escrever essa tão estudada carta, você morreu, em Calicute, na Índia. A expansão de Portugal, que chegou em terras pelo mundo afora, além da América do Sul, na costa oriental e na ocidental da

África, no Japão, na península arábica, na Malásia, na Índia, na China, levou sofrimento a muitos desses lugares. Não vem ao caso se foi tão ruim ou pior que os outros impérios da época, o que vem ao caso é onde estamos agora.

Caminha, meu diligente missivista, não sei o que você pensaria de tudo isso. O que posso dizer é o que penso eu, aqui, 520 anos depois da chegada dos portugueses nesse Brasil, enfrentando com meus conterrâneos e contemporâneos, ainda, as consequências dessa invasão européia. Como você já deve ter entendido, não enfrentamos essas consequências da mesma forma. Os povos indígenas foram brindados com o fim do mundo. A chegada de vocês inaugurou uma era onde suas sociedades foram desestruturadas e a lógica do colonizador se impôs. É uma lógica cruel, baseada na falsa premissa de que o colonizador é invariavelmente melhor. Tudo que pertence a ele é mais digno do que o que o colonizado tem: a língua, as comidas, os trajes, as formas de se comportar, a religião, os mitos e até mesmo os pensamentos. Os povos originários do Brasil foram massacrados fisicamente e simbolicamente. Isso aconteceu, como você já teria vislumbrado em sua jornada para a Índia, depois de abandonar a costa brasileira, quando a cruz foi imposta à força, apesar da enorme resistência, ainda presente, junto com o conjunto de modos de vida dos brancos, pretensamente civilizados. Povos inteiros foram dizimados, perseguidos e assassinados, outros contaminados por doenças de brancos, nada diferente do que você poderia ter imaginado entre as ondas do oceano Índico.

Mundos se foram com aqueles que você julgaria derrotados, mas a resistência dos povos originários dessa terra mostra que há vida após o fim do mundo. Infelizmente as maneiras que os colonizadores usaram para subjugar os povos indígenas, criaram raízes e os brasileiros, que se consideram herdeiros dessa colonização, continuam agindo dessa forma: impondo a religião cristã, perseguindo as pessoas, invadindo suas terras, vilipendiando suas manifestações culturais e mais, questionando seus direitos aos territórios que ocupam e a própria existência de suas identidades.

Um exemplo recente, meu caro correspondente, é o que acontece na Terra Indígena Cachoeira Seca do Iriri. Ali vivem os Arara (PIB, “Arara”), um povo que entrou em contato formal com a sociedade derivada da colonização há cerca de 40 anos, depois de pelo menos cem anos de relatos de contatos entre esse povo e os moradores das margens do rio Xingu, perto de onde hoje se localiza a cidade de Altamira. Em meados do século XIX, há relatos de contatos pacíficos, seguidos de histórias de perseguição e confronto com não índios mas também com outros grupos indígenas. Em meados do século XX, são fortemente impactados pela construção da Transamazônica, uma estrada aberta na floresta, no sentido leste-oeste, que cortou ao meio o território que usavam e levou para a região um enorme contingente de pessoas, buscando novas oportunidades. Por fim, os Arara acabaram se concentrando, na década de 1980, em duas Terras Indígenas, designadas pelo governo brasileiro, a Terra Indígena Arara e a Terra Indígena Cachoeira Seca do Iriri, abandonando boa parte do território por onde andavam. Os Arara, que não são muitos, cerca de 400 pessoas, representam

todo um mundo: uma língua, um tipo de organização social, cosmovisões, rituais e muito mais. Ainda que reduzidos e confinados, hoje, continuam sendo ameaçados. A Terra Indígena Cachoeira Seca é a mais desmatada do país e tem sido assim nos últimos sete anos: desde 2009 mais de 33,4 mil hectares de floresta foram derrubados (Souza *et al.*). As invasões, o roubo de madeira e a violência tem sido a regra nesse território. Nada muito diferente do que sempre aconteceu...

Curioso, meu arauto dos apocalipses, é que se essa carta, que ora lhe remeto, tivesse sido escrita há uns 10 ou 15 anos atrás, seu conteúdo teria sido distinto, mesmo que eu tenha encerrado o parágrafo anterior afirmando que o que acontece hoje não é muito diferente do que sempre aconteceu. Isso porque, caro Caminha, as ilusões encontram terreno fértil entre os ávidos por esperança. Assim, nesses anos passados, vimos surgir no Brasil o que pareceu ser uma maior preocupação com nossas paisagens e com os povos indígenas. Foi nessa época que as áreas protegidas que mencionei anteriormente cresceram, em número e em extensão. Foi também o tempo onde surgiram políticas e instituições que se moldaram para lidar com o que parecia ser um outro futuro que se avizinhava, um Brasil mais justo, menos desigual, com mais cuidado com a natureza e com seus povos originários. Recentemente, tudo isso, inclusive as esperanças suscitadas, está sendo desmontado e certamente em breve restará pouco do que pareceu ser um momento diferente na história dessa sofrida terra de palmeiras.

Imagino se você se perguntaria o que teria acontecido para que tudo desse tão errado assim nesse momento, ou se você simplesmente acredita, do alto do seu conhecimento da alma imperial, que esse é o eterno destino das colônias. Não sei e não me atrevo a tentar adivinhar, mas eu, meu visionário relator de mundos, talvez excessivamente inexperiente, não consigo evitar a perplexidade. O governo que o Brasil tem hoje, eleito por seu povo, é um desastre multidimensional. Sim, caro Caminha, em muitos países atualmente o povo que escolhe seus governantes. E o resultado é melhor? Indagaria você talvez. Vou me eximir de responder, mas vou dedicar algumas linhas dessa já extensa carta à situação atual dessa maldita Vera Cruz e assim você mesmo pode tirar suas conclusões.

Por 21 anos, na segunda metade do século xx, os militares foram os governantes do Brasil. Não foram eleitos, tomaram o poder apeando de lá o presidente. Nesse período, além da falta de liberdade e da violência institucionalizada contra aqueles que discordavam dos que estavam no poder, o meio ambiente e os povos originários do Brasil foram encarados como entraves ao desenvolvimento do país. Aqui, caro Caminha, não há glossário que lhe salve, a ideia de desenvolvimento é um mistério: trata-se de tornar o Brasil um imenso Portugal? Trata-se de tentar aqui o que não cabe aqui, não é daqui e jamais será? Ou trata-se de sob qualquer roupagem, persistir na lógica colonial e rapinar eternamente o país? Passo ao largo desse mistério para lhe contar que, assim sendo, a conversão das paisagens naturais do país em lavouras, projetos de infra-estrutura, estradas ou, simplesmente, terras degradadas se acelerou,

bem como a tentativa de assimilar os povos indígenas à sociedade envolvente, por mais que eles não quisessem ser envolvidos, nem assimilados. Depois desse nefasto período, o país, claudicante, encontrou o caminho para uma possível redemocratização. Um dos instrumentos para tanto foi a criação de uma nova Constituição Federal, em 1988. Derivou-se daí, outra forma de lidar com paisagens naturais e povos originários, mas também com a educação, a saúde e o bem-estar do povo brasileiro. Governos se sucederam, eleitos pelo povo, e, no começo do século XXI, houve avanços importantes, como mencionei acima.

A situação, porém, desandou, culminando no afastamento da presidente eleita, em 2016. Agora sim, estimado escriba, me atrevo a imaginar sua supresa, uma mulher no poder, não como rainha regente, ou como poderosa manipulando um homem, mas uma mulher no poder, com todas as prerrogativas que eram tão exclusivamente masculinas até pouco tempo atrás. Fica o compromisso, caro Caminha, de uma outra missiva, contando a trajetória das mulheres nesses últimos 520 anos. Mas, voltando à situação brasileira, depois desse afastamento, esteve no governo seu vice-presidente que se revelou contrário a muitos dos avanços que tinham sido a marca dos governos anteriores. Por fim, chegou o tempo de uma nova eleição para que um novo governante fosse eleito. Nessa ocasião, elegemos, nós dessa desalmada terra, o atual presidente, que tomou posse no começo de 2019.

Não gastarei o meu latim, nem os seus ouvidos, com os impropérios que eu poderia dedicar a esse governante. Nada direi sobre seu despreparo, sua perversidade, seu cinismo ou sua ignorância. Basta dizer que ele serve ao projeto de eterna rapinagem de Pindorama, possui aliados poderosos, e que não tem nenhum pudor em destruir o país. O resultado pode ser ilustrado em alguns poucos traços. Em 2019 e 2020, perdemos cerca de 21 mil km² de floresta Amazônica (Watanabe), algo como um quarto da extensão do território português. Isso aconteceu por uma combinação de fatores: um governo que diz que qualquer destruição é bem vinda, um desmonte insistente dos órgãos ambientais do país, e uma desarticulação da fiscalização e do combate ao desmatamento. Vale dizer que mais de 90 % desse desmatamento é ilegal. O Pantanal, sobre o qual lhe falei no começo dessa carta, sofreu o maior incêndio de sua história. Isso mesmo, uma área úmida queimou irremediavelmente, 40 % do bioma foi destruído e milhares de animais morreram diante dos olhos assombrados da população e do descaso dos governantes. Haveria muito mais a ser dito, mas acredito que esses números já forneçam um panorama da destruição.

Chegamos até aqui, estimado escrivão, nos concentrando nos povos originários e nas paisagens desse país, mas há outros povos, cujo sangue está entranhado nos solos brasileiros, cuja história eu preciso contar a você. Trata-se, como você já sabe – e mesmo podia vislumbrar enquanto singrava as águas que contornam o continente desses povos – das pessoas que foram trazidas da África e foram escravizadas aqui. Foram muitos, quase cinco milhões, homens, mulheres, crianças, trazidos à força, tratados como mercadoria, com extrema violência, desumanizados e largados à mín-

gua, quando, finalmente, chegou a abolição da escravidão. Hoje, 54 % da população do Brasil é negra, mas segue invisibilizada e negligenciada. Apenas 17 % dos ricos do país são negros e, entre os mais pobres, 76 % são negros (Agência Brasil).

Como forma de resistência, muitas dessas pessoas escravizadas fugiam e se organizavam em comunidades, que passaram a se chamar quilombos. Essa palavra, que designava originalmente lugar de pouso para quem estava em deslocamento, está presente em várias das línguas dos povos que vieram da África. Com o tempo e a realidade da resistência aqui no Brasil, passou a significar uma comunidade autônoma de pessoas que haviam fugido da escravidão. Hoje, esse termo está sendo ressemantizado (ABA) para designar os territórios de grupos que, mesmo não se constituindo a partir de uma referência histórica comum, se identificam como pertencentes a esse local e a uma corrente de resistência e luta. Muitos desses territórios de quilombo foram identificados no país e 246 foram reconhecidos, outros 1.774 estão aguardando regularização, mas estima-se que haja mais de 6.000 comunidades quilombolas no Brasil (ISA).

Caminha, meu missivista atrevido, não é muito difícil imaginar a importância das comunidades locais rurais que surgiram no Brasil, como os seringueiros e os quilombolas, ao longo do tempo, como também dos povos indígenas, quando se pensa no destino das paisagens. Se 86 % da população brasileira está nas cidades, quem, então, está nos campos, no sertão e nas florestas? Invasores de terras, exploradores de madeira ilegal, garimpeiros e muitos outros protagonistas da violência. Com o desmonte das políticas que garantiam alguma segurança aos povos indígenas, quilombolas e pessoas de outras comunidades, bem como algum controle sobre o desmatamento e as outras atividades ilegais, o meio rural brasileiro se tornou, em muitas regiões, terra sem lei. E quando eu digo terra sem lei, meu caro, é terra sem lei mesmo. Para você ter um vislumbre, só em 2019, foram registrados 1.254 casos de conflitos pela terra, desses, 1.206 envolveram algum tipo de violência e ameaças provocadas por pretensos proprietários de terras, pessoas que se arvoram donas da terra, mas são apenas invasores mal intencionados. Esse foi o maior número registrado desde 1985. Houve também um aumento de 21 % no número de assassinatos, de tentativas de assassinato e de ameaças de morte contra quilombolas, indígenas e comunidades tradicionais em relação ao ano anterior, 2018 (CPT). As instituições que o Brasil construiu a duras penas nos últimos 40 anos foram desmontadas, amordaçadas e inviabilizadas. Viver imerso nas paisagens naturais do Brasil se tornou um ato de coragem e de resistência. São essas comunidades que ainda protegem o que resta de nossas paisagens, pagando com a vida, muitas vezes, o preço dessa valentia.

A conversão de uma terra paradisíaca, como parecia ser a Vera Cruz que você conheceu, numa sucursal do inferno para a maioria dos que aqui vivem e viveram nesses 520 anos, não causa, certamente, admiração em alguém como você. Talvez um paraíso sem a fé católica não fosse sequer possível de ser imaginado por você, mas desconfio que depois de ver a alegria e a beleza dos povos que aqui viviam, no

recôndito da sua cabine a destino de sua aventura final em terras indianas, você deve ter duvidado da necessidade da cruz. Atravessar o Atlântico, circundar a África, singrar o Índico até Calicute, dá muito tempo ao pensamento. Mesmo conhecendo outras terras, Vera Cruz deve ter parecido distinta e talvez, só talvez, uma lástima por esse mundo, que você sabia que rapidamente se perderia, tenha surgido.

Mas, sigamos, depois do que eu falei sobre o rio Amazonas, imagino que você anseie por sobrevoá-lo. Vamos atravessando a Terra do Meio, passando por cima de Altamira, uma cidade que espelha bem o que é o Brasil hoje. Sua história começa com uma missão, que como você deve saber, era o nome que recebiam os locais que os padres da igreja católica criavam para atrair os povos indígenas, transformá-los em cristãos sedentários, mas garantindo que eles permanecessem subalternizados. Aproximadamente em 1750, foi estabelecida a Missão Tavaquara, que acabou se tornando a cidade de Altamira. Até 1883, manteve seu nome de Tavaquara, mas quando deixa de ser povoado e se torna vila, muda de nome para Altamira. Como o traçado da Transamazônica passa por Altamira, quando a estrada começou a ser construída, na década de 1970, milhares de pessoas afluíram para lá, a cidade, sem nenhuma infra-estrutura, ficou atufada de gente, sonhos e frustrações. Há dez anos, Altamira foi alvo, outra vez de uma corrida de migrantes, por conta da Usina Hidrelétrica de Belo Monte. Não se avexe, estimado escriba, consulte o glossário em anexo e descubra que essa é uma forma de gerar energia a partir da força das águas. Enfim, com essa usina, mal planejada e realizada de forma a prejudicar irremediavelmente povos indígenas e comunidades que ali viviam, mais milhares de pessoas se instalaram em Altamira e cultivaram mais sonhos e mais frustrações. Hoje, a cidade tem cerca de 113 mil habitantes e uma infra-estrutura muito precária. Revela, como um espelho quebrado, o rastro da colonização e o descaso com a região, com os povos indígenas que ali viviam antes, com as pessoas que migraram para lá, com o futuro e, como sempre, com a vida dos brasileiros.

Deixamos Altamira para trás e chegamos ao ponto onde o rio Xingu, esse gigante que acompanhamos desde o Território Indígena do Xingu, deposita suas águas no rio Amazonas. De lá, subimos o rio Amazonas, passando por Santarém, cidade que está no encontro entre o rio Tapajós e o rio Amazonas. Ali o que mais você veria é soja sendo embarcada. Sim, a floresta também padece dos mesmos males do Cerrado, vem sendo substituída por monoculturas de soja e por pastagens. Hoje, dois terços do que se desmata na Amazônia vira pasto.

Seguimos por cima do rio Amazonas e agora, sim, tenho certeza, que você ficaria admirado. As dimensões desse rio, a quantidade de água, surpreende até os mais preparados. De cima do jacuaçu, você veria o rio Negro encontrar o Amazonas. Na verdade, nós aqui, ao contrário dos peruanos, dizemos que desse encontro é que nasce o Amazonas e chamamos o rio onde o Negro deságua de rio Solimões. Juntos, eles formam o Amazonas, mas se considera o Solimões e sua sequência, o Amazonas, como o mesmo rio. O espetáculo do encontro dos rios Negro e Solimões é digno de nota. Os

rios têm águas de cores diferentes e essas águas seguem juntas paralelamente, sem se misturarem, por cerca de sete quilômetros. Por fim, as águas do Amazonas assumem a cor das águas barrentas do Solimões e a água escura do rio Negro fica na saudade.

Não para você, alado escrivão, pois seu sobrevoo continuaria rio Negro acima. Deixando para trás Manaus, uma grande cidade bem próxima ao encontro desses dois rios, acompanhamos o Negro com suas ilhas – inclusive um dos maiores arquipélagos fluviais do mundo, Anavilhanas, se apresentaria aos seus olhos para o seu deleite – até a pequena cidade de Santa Isabel do Rio Negro. Dali para frente, você entra em mundo diferente, um conjunto de Terras indígenas que reúne 22 povos distintos que apesar de terem sido alvos daquelas missões das quais falamos acima, preservam uma outra forma de estar do mundo. É ali que você poderia ser apresentado a uma planta comestível, nativa da Amazônia, consumida hoje em muitos lugares do mundo, a mandioca. Vale dizer que a chegada dos europeus nesse novo continente revolucionou a gastronomia da Europa e de todo o planeta, introduzindo alimentos que são usados em todo o mundo. Toda essa região, acima de outra pequena cidade, São Gabriel da Cachoeira, é a casa da mandioca. Há, por lá, inúmeras variedades dessa planta e todo um sistema de seleção, manejo e trocas que está amalgamado às formas de viver dos povos do rio Negro. São pelo menos 73 variedades de mandioca e cada família cultiva entre 6 e 20 variedades diferentes em suas roças. Além disso, há cerca de outras 243 espécies cultivadas nessas roças (Emperaire *et al.*). Tudo isso junto e misturado – perdoe-me estimado Caminha, se me excedo, mas essa é uma expressão comum no português atual – constitui o Sistema Agrícola Tradicional do Rio Negro, primeiro a ser reconhecido como patrimônio imaterial brasileiro pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Esse sistema agrícola tradicional e tantos outros que existem no Brasil são essenciais para garantir a segurança alimentar, ou seja para que todas as pessoas consigam se alimentar devidamente. No mundo atual, meu eminente correspondente, isso é fundamental, mas não apenas porque sempre foi importante comer e evitar ser acochado pela fome, mas porque nesse mundo há um outro fator a ser levado em conta. Sei que eu disse que iria me concentrar nas transformações da paisagem e dos povos do Brasil nessa carta, mas vou ter que abordar um outro tema, Caminha meu mensageiro do fim do mundo, porque sem ele algumas coisas serão muito difíceis de explicar. A humanidade, tão hábil em produzir fins do mundo para uns e outros, se tornou ainda mais capaz nos últimos tempos. Suas atividades começaram a transformar o clima do planeta, a esquentá-lo. O problema é que essas mudanças se fazem de forma acelerada e nem plantas, nem animais têm tempo para se adaptar. Isso vale para nós e também para as plantas que cultivamos.

O resultado é que a agricultura está hoje em xeque, precisa encontrar, criar e selecionar variedades que resistem às novas condições climáticas, mas essas condições seguem se transformando. Ou seja, são os sistemas tradicionais agrícolas, que cultivam muitas plantas juntas, que melhor se adaptam a essas mudanças.

As consequências dessas alterações climáticas não se resumem aos seus efeitos sobre a agricultura, ainda que garantir o pão-nosso-de-cada-dia seja fundamental, há muitas outras. Quem sabe, estimado Caminha, um dia lhe escrevo uma outra carta e lhe conto como essa aventura humana pode se configurar no fim da nossa jornada como espécie. Mas, nessa presente missiva, quero dizer a você que essa floresta ainda imensa, que você veria se sobrevoasse, de fato, o rio Amazonas, também está ameaçada pelas mudanças climáticas. Ou seja, a floresta é devorada pelas bordas – por conta do desmatamento e da conversão de áreas naturais em monoculturas e pastos – mas também por dentro, à medida que as novas condições climáticas alteram os processos biológicos, tornam as secas mais frequentes e a disponibilidade de água menor. A combinação desses dois processos pode levar a floresta ao seu fim, transformando sua paisagem em uma espécie de savana, que não sustentará a diversidade da vida que ali se encontra ainda hoje.

Além de tudo isso, a exploração da floresta contribui para essa crise climática. Em geral, mundo afora, as transformações do clima são devidas ao processo de industrialização, aqui no Brasil, porém, nossa maior contribuição às alterações climáticas é derivada da mudança do uso da terra, que é basicamente o desmatamento. No ano passado, 2019, por exemplo, as mudanças do uso da terra e as atividades agropecuárias responderam por 72 % das emissões brasileiras (Observatório do Clima). As emissões se referem a gases que as atividades humanas liberam na atmosfera e que tornam o planeta mais quente, pois reforçam o efeito estufa, mantendo o calor aqui ao invés de permitir que ele se dissipe. O Brasil é um dos países do mundo que mais emite esses gases e mais prejudica o clima global.

Conhecedor, que imagino que você era, da natureza humana, essa desabalada carreira rumo a um final trágico não deve lhe surpreender, assim como tenho certeza que você não se admiraria do fato de estarmos vivendo nesse momento em que te escrevo, em dezembro de 2020, uma pandemia global. Você diria, certamente, que as pestes e doenças sempre frequentaram a humanidade e nada disso é surpresa. Sim, de fato, meu caro correspondente, você tem razão. Elas, porém, se tornaram, no último século, menos frequentes e desaprendemos a lidar com esse flagelo. Um dos motivos foi que desenvolvemos formas de evitar tais pragas, com uma espécie de tratamento preventivo, chamado de vacina. Você deve estar se perguntando se assim é, como estamos, então, mergulhados numa pandemia global? Pois é, novas doenças para as quais ainda não temos vacina emergem o tempo todo e recentemente descobrimos que esse processo é acelerado pelas formas com as quais a humanidade lida com a natureza.

Você deve estar pensando, meu dedicado mensageiro, que desde que a humanidade é humanidade, ela destrói a natureza. Mais uma vez, estimado Caminha, você está certo, mas a escala dessa destruição tem aumentado tanto nos últimos cem anos que agora, a cada ano, pelo menos cinco doenças novas emergem dos animais e passam a infectar os humanos (IPBES). Essas doenças podem eventualmente se transformar em pandemias, como aconteceu no começo deste ano.

As origens da pandemia que vivemos no momento estão relacionadas com o contato entre animais que normalmente não se encontram. Esse tipo de contato amplia as possibilidades de emergência de novas doenças e estão se multiplicando a cada momento. Animais que migram por causa das mudanças climáticas ou por conta da destruição dos ambientes onde viviam passam a se deparar com outros que usualmente não encontrariam e o resultado pode ser uma nova enfermidade. Isso acontece porque quando os animais se encontram, os milhões de microorganismos – calma, Caminha, veja lá o glossário – que habitam em cada um desses animais também se encontram. É a partir desse encontro que microorganismos que viviam em um animal, até mesmo sem causar a ele nenhum mal, podem passar a se alojar em outros e, ali, desencadear novas doenças.

O Brasil, com sua exuberante natureza, combinada com sua voraz destruição dos ambientes naturais, pode se tornar a fonte de uma nova pandemia global. Mas isso não parece comover ninguém, pois o ritmo da destruição segue o mesmo. Você, meu iluminado escrivão, nesse momento, ergueria os olhos dessa missiva e deixaria seu pensamento voar, com a sabedoria acumulada pelas andanças mundo afora, lapidada pelas intrigas das cortes lusitanas, para que por fim ele pousasse naquela noite em Calicute, quando do ataque que ceifaria a sua vida. Como tantas vidas foram perdidas por causa de uma disputa comercial... Nada de novo sob o sol, apenas a velha cobiça humana.

Sei, portanto, meu querido arauto dos fins de mundo, que nada do que está narrado nessa presente carta lhe causaria assombro. Não digo isso, porque não acredite em surpresas mas, sim, porque a surpresa que poderia residir em Vera Cruz, se ela existir, ainda está por vir.

Referências

- Agência Brasil. “Negros representam 54 % da população do país, mas são só 17 % dos mais ricos”. *UOL Economia*, 4 dic. 2015, <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2015/12/04/negros-representam-54-da-populacao-do-pais-mas-sao-so-17-dos-mais-ricos.htm>. Visitado 9 de agosto de 2021.
- Assessoria de Comunicação CNA. “O Brasil é um dos maiores produtores de Florestas Plantadas do mundo”. *Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA)*, 17 jul. 2016, <https://www.cnabrazil.org.br/noticias/o-brasil-e-um-dos-maiores-produtores-de-florestas-plantadas-do-mundo>. Visitado 9 de agosto de 2021.
- Associação Brasileira de Antropologia (ABA). “Documento do Grupo de Trabalho sobre Comunidades Negras Rurais”. *Acervo ISA*, 1994, <https://acervo.socioambiental.org/acervo/documentos/documento-do-grupo-de-trabalho-sobre-comunidades-negras-rurais>. Visitado 9 de agosto de 2021.
- Azevedo, Ana Lucia. “Com um boi por hectare, pecuária extensiva degrada cerrado”. *Eco-Finanças*, 13 dic. 2016, <http://eco-financas.org.br/2016/12/com-um-boi-por-hectare-pecuaria-extensiva-degrada-cerrado/>. Visitado 9 de agosto de 2021.

- Comissão Pastoral da Terra (CPT). “Conflitos no Campo Brasil”. *Comissão Pastoral da Terra*, s. f., <https://cptnacional.org.br/downloads-2/category/41-conflitos-no-campo-brasil-publicacao>. Visitado 9 de agosto de 2021.
- Empereire, Laure *et al.* “Patrimônio Cultural Imaterial e Sistema Agrícola: o manejo da diversidade agrícola no médio rio negro Amazonas”. *Museu Paraense Emílio Goeldi*, 2014, <https://repositorio.museu-goeldi.br/handle/mgoeldi/1377>. Visitado 9 de agosto de 2021.
- Instituto Socioambiental (ISA). “Caderno legislativo”. *Instituto Socioambiental*, s. f., <https://mailchi.mp/socioambiental.org/caderno-legislativo>. Visitado 9 de agosto de 2021.
- Intergovernmental Science-Policy Platform on Biodiversity and Ecosystem Services (IPBES). *Workshop Report on Biodiversity and Pandemics of the Intergovernmental Platform on Biodiversity and Ecosystem Services*. Bonn, IPBES secretariat, 2020, <https://ipbes.net/pandemics>. Visitado 9 de agosto de 2021.
- Lago, Davi. “O Censo brasileiro de 2020”. *G1*, 31 dic. 2019, <https://g1.globo.com/politica/blog/matheus-leitao/post/2019/12/31/o-censo-brasileiro-de-2020.ghtml>. Visitado 9 de agosto de 2021.
- Observatório do Clima. “Emissões do Brasil sobem 10 % no 1º ano de Bolsonaro”. *Observatório do Clima*, 6 nov. 2020, <https://www.oc.eco.br/emissoes-brasil-sobem-10-no-1o-ano-de-bolsonaro/>. Visitado 9 de agosto de 2021.
- Popov, Daniel. “Desmatamento associado à soja no Cerrado está em queda, diz estudo”. *Canal Rural*, 25 jun. 2020, <https://www.canalrural.com.br/projeto-soja-brasil/noticia/desmatamento-associado-a-soja-no-cerrado-esta-em-queda-diz-estudo/>. Visitado 9 de agosto de 2021.
- Povos Indígenas no Brasil (PIB). “Arara”. *Povos Indígenas no Brasil*, s. f., <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Arara>. Visitado 9 de agosto de 2021.
- . “Página principal”. *Povos Indígenas no Brasil*, s. f., https://pib.socioambiental.org/pt/P%C3%A1gina_principal. Visitado 9 de agosto de 2021.
- Souza, Oswaldo Braga de *et al.* “Destrução de áreas protegidas na Amazônia explode com Bolsonaro”. *ISA - Instituto Socioambiental*, 22 dic. 2020, <https://www.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/destruicao-de-areas-protegidas-na-amazonia-explode-com-bolsonaro>. Visitado 9 de agosto de 2021.
- Spitzcovsky, Débora. “Áreas degradadas no Brasil equivalem a duas França’s”. *Exame*, 12 jul. 2012, <https://exame.com/mundo/areas-degradadas-no-brasil-equivalem-a-duas-francas/>. Visitado 9 de agosto de 2021.
- Watanabe, Phillippe. “Desmatamento na Amazônia volta a bater recorde e cresce 9,5 % de 2019 a 2020”. *Folha de S. Paulo*, 30 nov. 2020, <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2020/11/desmatamento-na-amazonia-volta-a-bater-recorde-e-cresce-9.shtml>. Visitado 9 de agosto de 2021.